



Linhas mestras do discurso do Presidente da ANET na intervenção de encerramento do 3º congresso

Começo por manifestar a sua enorme satisfação pela forma elevada como o evento decorreu.

“Àqueles que vivem à custa do Estado e dos nossos impostos, queremos dizer que não estamos disponíveis para continuar a pagar para os alimentar”

A realização do Congresso, nos Açores, representou um desafio enorme, porque exigiu uma deslocação significativa de muita gente e corremos riscos sérios de podermos não ter a adesão desejada, o que representaria um fracasso.

Porém, como gostamos de desafios difíceis e os assumimos claramente, é agora uma satisfação enorme ter chegado ao final dos trabalhos e ver ainda a sala repleta, que é o que muitas vezes não acontece nestes eventos.

Realço a qualidade das comunicações apresentadas neste Congresso, o que significa que foram pensadas, o que significa que foram produzidos pensamento e conhecimento que neste congresso deixamos para a posteridade.

Ironizando, partilho a alegria que perpassa pela sala pelo facto de se estar a realizar o último Congresso de uma instituição que agora conhece os seus últimos dias de vida. Isto pode parecer um paradoxo, na medida em que é habitual estar-se muito triste quando algo acaba. Isto é o que aqui não acontece, pois a **ANET** vai acabar e nós estamos todos satisfeitos.

Portanto, atingimos plenamente o nosso objectivo – o jantar do Congresso será o jantar de fecho da **ANET** e entregaremos a chave a outros proprietários, que por acaso somos nós. Estamos, portanto, preparados para iniciar uma nova fase da nossa estrutura, porventura mais difícil do que a que agora termina, porque o trabalho que está realizado passou a ser irrelevante, sendo muito mais importante o que temos pela frente.

Para liderar a Ordem é preciso mais do que ser chefe...

São-nos exigidas uma clarividência e uma capacidade de ver longe e, para liderar uma organização como a Ordem dos Engenheiros Técnicos, é preciso muito mais do que ser chefe.

Nós temos que ter uma efectiva liderança, na medida em que é preciso ver mais longe, ver melhor e ver primeiro do que os outros.

Sabemos que temos pela frente uma tarefa complicadíssima, muito mais complexa do que a que tivemos até aqui.

O país precisa muito de nós, de gente que tenha a capacidade de divisar o futuro e se aplique, com capacidade e competência, no cumprimento da missão que lhe é exigida. E o país pode contar connosco e com a nossa capacidade de crítica: Aquilo de que não gostarmos di-lo-emos de forma clara e inequívoca e, relativamente àquilo de que gostarmos, procederemos da mesma forma.

Mas sempre com elegância...

Não devemos nada a ninguém. Não chegámos aqui por termos sido trazidos ao colo, mas sim pelo nosso pé e com o nosso esforço. Durante todos estes anos a **ANET** nada recebeu - não recebeu apoio algum de qualquer entidade estatal. Viveu sempre com os seus recursos financeiros, com a capacidade de gerar receita para satisfazer os seus compromissos e encargos.

Porém, na verdade, nós pagamos um imposto, o de existirmos, porquanto o trabalho que desenvolvemos deveria ser feito pelo Estado e o Estado transfere-o para nós a custo zero.

Somos nós que suportamos o custo de funcionamento da nossa instituição.

Não se pense que nos estamos a queixar disso: o que exigimos é que o país siga o nosso modelo, pois estamos conscientes de que esta é também a forma de darmos o nosso contributo para o desenvolvimento de Portugal.

“Não queremos continuar a pagar aqueles que vivem à custa do Estado”

Àqueles que vivem à custa do Estado e dos nossos impostos, queremos dizer que não estamos disponíveis para continuar a pagar para os alimentar.

Não é admissível, nomeadamente no ensino superior, nós pagarmos, em impostos, cerca de cinquenta por cento dos nossos rendimentos para alimentarmos, por exemplo, um 2º Ciclo de mestrado que, para alguns, oriundos das elites da nossa sociedade, possam atingir este nível de ensino, enquanto a maioria dos estudantes de engenharia não têm meios para fazer mais do que o 1º Ciclo do ensino superior. Alguma coisa tem de mudar.

É evidente que não é simpático dizer isto, mas não me coíbo de afirmar a posição que defendemos sobre a matéria.

No caso do público, as propinas dos estudantes do ensino superior são financiadas não pelo Estado mas sim pelos nossos impostos: O Estado não existe, o Estado somos nós, o dinheiro é nosso.

O Estado só deve co-financiar as propinas do 1º Ciclo do ensino superior (universitário ou politécnico), pois este é suficiente e bastante para o exercício da profissão, porventura à excepção de três cursos – Medicina, Enfermagem e Arquitectura.

Estes são os únicos que deverão ser financiados nos cinco anos. Em todos os outros cursos, quem quiser fazer o 2º Ciclo deverá financiá-lo integralmente do seu bolso, pois é um investimento com retorno certo.

Nós, na **ANET**, enquanto pagantes de impostos, temos obrigação de colocar as coisas nos seus devidos lugares e, por isso, fazemos questão de que esta matéria fique clara. É também este Congresso uma ocasião sublime para o proclamarmos. Mesmo sabendo que esta não é uma matéria pacífica, defendemos ser necessário que, em vez de nos lamentarmos de que o país não tem dinheiro, deveremos lutar para aplicar no sítio certo aquele que houver.

Por tudo isto, reafirmamos o princípio de que se deve apostar numa boa formação no 1º Ciclo do ensino superior (universitário ou politécnico) e que, a partir deste nível, os estudos devem ser financiados pelos próprios, com os resultados do seu trabalho, com financiamentos bancários ou com o esforço das famílias, pois que irão ter retorno da sua formação.

Eis porque defendemos que, no final do 1º Ciclo, depois de se ser engenheiro técnico, se deverá ingressar no mundo do trabalho, produzindo riqueza para se redistribuir, em vez de continuarmos a estudar mais alguns anos à custa de quem trabalha para nós.

Não é admissível que um processo de licenciamento demore três anos a ser deferido

Como ficou claro neste Congresso, a nossa é uma profissão de autonomia completa. Desde 1985 que exercemos engenharia sem tutela alguma, ancorando-nos exclusivamente nas nossas competências.

Sublinho, a propósito que temos todo o sistema de reconhecimento de competências para o desempenho de actos profissionais devidamente organizado. Na nossa Associação orgulhamo-nos de ter conseguido implementar mecanismos que nos permitem responsabilizar todos e cada um pelos seus actos – sejam bons ou mais – que praticarem.

Sobre outra matéria que discutimos neste Congresso – a Reabilitação Urbana – as nossas posições são marcadamente divergentes das de muitos outros que opinam sobre o assunto. Queremos dizer, de forma clara, que somos contrários a que quaisquer fundos dos nossos impostos sejam alocados à reabilitação urbana. A **ANET** defende que o Estado deve simplificar as questões que hoje inibem as pessoas de tratar do seu património, para tal simplificando os processos de licenciamento, criando o licenciamento na hora e assumindo os técnicos as responsabilidades que a sua assinatura no projecto implicam. É também esta uma metodologia que se deve adoptar na propriedade horizontal, pois não possível nem admissível que um processo de licenciamento desta natureza chegue a demorar três anos a ser deferido.

Por último, cabe-me agradecer a todos aqueles que, nomeadamente aos oradores convidados, acederam a partilhar connosco os seus conhecimentos e as suas experiências, mesmo que divergindo das nossas posições. Aliás, para nós a divergência constituiu uma renovação do estímulo para continuarmos com o nosso trabalho.

De resto, porque sabemos haver por aí já alguma contestação à nossa Ordem, há uma coisa que quero deixar muito clara: se enveredarem por determinados caminhos, vão ver que, afinal de contas, nós temos muito mais para dar e que não regatearemos luta aos que se atravessarem no nosso percurso.

Chegámos até aqui trilhando caminhos de lealdade e não enfeudados a lutas baixas e rasteiras.

Em conclusão, esperamos que todos – todos mesmo – consigamos dar um pouco de nós a favor de um país mais simpático, mais agradável para todos vivermos.

Augusto Ferreira Guedes
Presidente da ANET